

UM JOGO DE FRONTEIRAS

“Com base na minha experiência na técnica Contacto-Improvisação, queria muito testar algumas ideias sobre o contacto e o toque. Comecei por trabalhar sobre o contacto pele com pele e os seus limites. Onde é que um corpo acaba e o outro começa? Onde residem as nossas fronteiras pessoais? Em que zonas nos sentimos livres? Onde é que o nosso comportamento é totalmente permitido e onde não o é? Onde é que podemos ultrapassar os nossos próprios limites? Queria descobrir como criar uma sensação de intimidade num ambiente teatral, um palco em vez de um quarto de hotel. E nessa situação, como se poderia ainda falar sobre intimidade e exposição interna?”

“Observamos os *performers* em palco. Partilhamos as questões que levantam, as suas dúvidas e os seus medos. Embora nunca venhamos a entender exatamente o que são porque de alguma forma há um lado misterioso que permanece sempre.”

“No início, inspirei-me na história de Cornelius Gurlitt [alemão filho de um historiador e colecionador de arte que possuía obras saqueadas durante a era nazi]. Tinha curiosidade em perceber como pode alguém viver em sociedade dessa maneira – sabendo que o que faz é errado mas, ainda assim, e de um modo pouco saudável, conseguindo extrair prazer da arte, ou, no seu caso, da pintura. (...) Pergunto-me muitas vezes o que fazia Gurlitt com as obras de arte que tinha. Obviamente davam-lhe uma sensação de conforto. Podem ter sido um substituto para o amor (familiar), resguardando-o da experiência de perda. Fiquei comovida com a sua afirmação de que lhe era mais penoso separar-se das suas pinturas do que perder a própria mãe. O amor tem contornos estranhos. Ao olhar para os extremos faz com que se abra uma janela para nós, para as nossas fantasias e para os nossos limites. (...) Passado algum tempo, comecei a ver Gurlitt como uma espécie de mágico que, simultaneamente, fez desaparecer arte importante e a si mesmo. Apaixonei-me pelo ‘ato de magia’, pela ilusão – que também é a base do teatro. Qual é o momento exato em que acreditamos? Como é que desviamos a atenção numa *performance*? E para que precisamos da (verdadeira) magia?”

“Juntamente com os artistas, comecei a explorar o que é a magia. Não me refiro aos grandes truques extravagantes de Las Vegas, mas sim àqueles pequenos momentos de surpresa e de ‘uau’. A magia evoca uma espécie de reencantamento ou de religação às maravilhas da nossa infância. Enquanto criávamos esta peça, convidámos mágicos a assistirem aos ensaios. Um deles era um telepata, um mentalista que hipnotizou o grupo em simultâneo e pôs-nos em transe. Enquanto se improvisa e se dança, também se está numa espécie de transe. Na verdade, penso que andamos todos por aí em pequenos estados de transe, e o que importa é saber com quais desses estados nos podemos ou não relacionar.”

“Este trabalho contém aspetos de revigoração e de apoio. O corpo é uma coisa misteriosa. Ser tocado em certas zonas, durante um tratamento ou uma massagem, pode fazer com que gritemos ou choremos. O corpo é um recetáculo de memórias e nem sempre sabemos o que está guardado e o que pode desencadear o quê. Acredito na capacidade do corpo se revigorar. Há acontecimentos dramáticos dos quais as pessoas recuperam. É possível reintegrarmo-nos no mundo. Somos animais sociais que precisam de contacto social. Precisamos destas possibilidades construtivas de “fazer parte”. Precisamos assistir à interação social que nos mantém vivos e nos eleva. Por vezes, sinto que há falta de vontade em se ser palerma e criativo. Muitas vezes, não há confiança suficiente. As nossas relações sociais assentam em protocolos, até mesmo em medos. Temos muitas limitações. Algumas nem sabemos de onde vêm. Nas relações sociais gastamos muito tempo a negociar os nossos limites: quão longe ou quão perto estamos uns dos outros? Como respondemos aos nossos *e-mails*? (...) De certo modo, é tudo um jogo de fronteiras. Por que razão não podemos dizer simplesmente: “Ok, vamos ter confiança! Vamos dizer o que queremos, se nos apetecer, e se não nos apetecer, não há problema nenhum”. Eu gostaria que as pessoas se conhecessem de maneira diferente, mesmo quando são estranhas.”

